

## CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE DUAS IGREJAS INICIADAS NA DÉCADA DE 1930: a igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima, em Lisboa e a igreja da Sr.<sup>a</sup> da Conceição, no Porto.

Alberto Estima\*

*ABSTRACT: This analysis serves to determine why these two buildings have such diverse characteristics if both were built in the same territory and at the same chronological time. What motives, concepts and ideas were applied?*

A igreja de Nossa Senhora de Fátima (1934-1938), edificada em Lisboa<sup>1</sup>, por Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) destacou-se no panorama nacional pela polémica que suscitou, designadamente ao nível político, cultural e arquitectónico. Este facto valeu-lhe a designação de *igreja mais polémica do século XX, construída em Portugal*.

155



N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima - Alçado principal



N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima - Nave principal



N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima - Presbitério

\* - Departamento de Arquitectura da Universidade Lusíada – Porto.

<sup>1</sup> - Av. Marquês de Tomar – Lisboa.

A controvérsia iniciara-se quando o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira anunciou a construção, na sua Diocese, de uma igreja dedicada a S. Julião<sup>2</sup> com características modernas, da autoria do arquitecto Pardal Monteiro.

O facto do arquitecto assumir publicamente a sua não religiosidade e de se considerar um cidadão laico, originou contestação por parte do sector conservador do Regime e da Igreja, que rejeitou simultaneamente a escolha do arquitecto e do projecto.

Pardal Monteiro foi um dos arquitectos que mais contribuiu para a renovação da arquitectura em Portugal, tirando partido do conhecimento que dispunha sobre os movimentos internacionais a que estava ligado<sup>3</sup>, era considerado um homem de ideias vanguardistas e, como tal, inadequado ao lema do Regime de Salazar: "*Deus, Pátria e Família*".

Os contactos internacionais que manteve permitiram-lhe ter acesso a informação privilegiada, numa época de dificuldades, nomeadamente económicas, informativas e culturais. É provável que este facto se tenha manifestado no projecto desta igreja, uma vez que revela influências de alguns edifícios religiosos estrangeiros.

156

Para colmatar o desconhecimento que possuía na área da arquitectura religiosa, visto que a única experiência que o autor detinha neste domínio era a da igreja Adventista do Sétimo Dia, construída em Lisboa em 1924, convida o monge belga D. Martin, para o assessorar. O conhecimento sobre a renovação litúrgica desenvolvida pelos Movimentos de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) internacionais, nomeadamente, o francês, poderá ter estado na origem da sua escolha. É também possível que a influência da arquitectura religiosa francesa, neste projecto, designadamente da igreja Notre-Dame-de-la-Consolation (1922-1923), em Raincy-Paris, da autoria dos irmãos Perret, possa estar relacionado com D. Martin. Esta hipótese adquire outra consistência quando se analisa o ante-projecto da igreja de Pardal Monteiro. As características neo-góticas que evidencia, levam-nos a supor que as alterações sofridas se possam dever a D. Martin.

<sup>2</sup> - Inicialmente a igreja tinha por patrono S. Julião, uma vez que a igreja antiga foi demolida, para a ampliação das instalações do Banco de Portugal. Com vista à edificação de uma nova igreja foi formada a Sociedade *Progresso de Portugal*, presidida pelo Professor Dr. Abel de Andrade.

<sup>3</sup> - Foi um dos fundadores das *Réunions Internationales d'Architecture*, posteriormente designada por UIA, onde desempenhou a função de vogal na secção dos concursos internacionais. Foi também membro honorário da Academia S. Fernando de Madrid e da RIBA, em Londres.

Pardal Monteiro fora também assessorado pelo Cónego Pereira dos Reis (1879-1960), Professor e Reitor do Seminário Maior de Cristo Rei, nos Olivais<sup>4</sup>, pessoa próxima do Cardeal Cerejeira.

Inaugurada a igreja de N.ª Sr.ª de Fátima a 12 de Outubro de 1938 pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira, e apresentada como uma obra importante para o país, dado marcar o início de uma nova era na arquitectura religiosa em Portugal foi criticada por individualidades tão díspares como o então Presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes, o Coronel Arnaldo Ressano Garcia, o arquitecto Raul Lino, o escritor e advogado Tomaz Ribeiro Colaço, entre outras.

Em relação ao interior desta igreja constata-se que apesar da expectativa e da contestação gerada, são poucas as inovações. De planta centralizada, tipo basilical, possui o Baptistério junto à entrada do lado direito, a uma cota inferior e com duplo acesso, tanto pelo exterior como pelo interior. Em lado oposto, situa-se a capela mortuária, também com duplo acesso. Sobre a entrada principal situa-se o coro, onde assenta o órgão de tubos de grandes dimensões. Com um corpo de 65 metros de comprimento e uma nave de 50 metros por 24 de largura e uma capacidade para 800 fiéis, tem ainda como complemento duas naves laterais de acesso às capelas laterais e aos confessionários. Com uma estrutura composta por arcos parabólicos, em betão armado, que suportam a cobertura e definem o percurso em direcção à luz proveniente dos vitrais da ábside, apresenta um traçado pouco inovador, comparativamente a outros modelos antecessores, como por exemplo, a Notre-Dame-de-la-Consolation. O Presbitério é constituído por um Altar em pedra, por um Sacrário, por uma Cátedra, por um Trono, por dois púlpitos e por uma teia em pedra que faz a separação do Presbitério com a assembleia. Estes três últimos elementos: o Trono, os dois púlpitos e a teia, caíram em desuso com a Reforma do Concílio Vaticano II. A adornar a cabeceira estão os vitrais e os frescos de Almada Negreiros. A variedade de materiais e de cores que o interior apresenta é, de certo modo, excessivo, comparativamente aos usados na igreja de Notre-Dame-de-la-Consolation.

Depreende-se, deste modo, que a configuração espacial apresenta características conservadoras e não tão ousadas quanto a de Notre-Dame-de-la-Consolation.

---

<sup>4</sup> - Obra da autoria de Pardal Monteiro (1932-1937).

Em relação ao exterior e à componente formal, a igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima revela outra coerência. Os conceitos da arquitectura moderna, onde a depuração das linhas, o despojamento ornamental, a cobertura plana, a assimetria da torre sineira em relação ao corpo principal, o equilíbrio entre a horizontalidade (a forma paralelepípedica do edifício e o embasamento nele existente) com a verticalidade (torre sineira), tornam-na consentânea com as suas congéneres estrangeiras, tal como evocara o Cardeal Cerejeira<sup>5</sup>. Aqui as semelhanças com o trabalho dos irmãos Perret são notórias. O emprego do betão armado, as técnicas construtivas e a composição formal do volume evidenciam tais influências.

Associado a este conjunto de factos, esta igreja destacou-se também pela conjugação das diversas artes complementares que Pardal Monteiro fizera questão em utilizar. Artistas plásticos de renome nacional dão o seu contributo naquele que é considerado um dos edifícios religiosos com maior número de artistas intervencionados no século XX, em Portugal. A Almada Negreiros pertencem todos os vitrais, os frescos da cúpula da ábside, os mosaicos e o portão do Baptistério; ao pintor Lino António correspondem as pinturas nos arcos e o fresco da Coroação da Virgem existente na guarda do coro; ao pintor Henrique Franco, a Via-Sacra; ao escultor Barata Feyo, o Cristo na cruz; a Leopoldo de Almeida pertence o retábulo da Ressurreição de S. Lázaro, as imagens de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima e de S. João Baptista sobre a pia baptismal; de Anjos Teixeira, filho, a porta do Sacrário e a St.<sup>a</sup> Teresinha; a Raul Xavier, o St.<sup>o</sup> António; a António Costa a N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima existente no exterior e a Francisco Franco, o Cristo e os Apóstolos no alçado principal. Contribuíram ainda na execução do edifício o arquitecto Rodrigues de Lima e os estudantes de arquitectura, João Faria da Costa, António Martins e Fernando Batalha.

Não obstante, o contributo destes autores a igreja foi interpretada como uma obra austera, de menor qualidade e inapropriada à arquitectura religiosa da então Capital do Império. Consciente das críticas, Cardeal Cerejeira manifestou-se por escrito, argumentando que «*Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas, será fazer obra de arqueologia artística; mas não é seguramente obra viva de arte*»<sup>6</sup> e defendeu convictamente o

<sup>5</sup> - V. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, nº7 – Novembro/Dezembro de 1938, pp.185-186.

<sup>6</sup> - *Idem*, p.186.

arquitecto e o seu projecto, mesmo quando Oliveira Salazar manifestou o seu desagrado, considerando-o arrojado e descaracterizado, por o estilo arquitectónico não se enquadrar com o estilo cooperativo do Estado Novo. Outra particularidade desta igreja foi a de ter servido de confronto ideológico entre os defensores da arte moderna e os que a condenavam. Serviu, também, para os opositores de Pardal Monteiro o criticarem e, deste modo, condenarem a política adoptada pelo Cardeal Cerejeira, uma vez que não o podiam fazer abertamente.

A resposta da classe profissional dos arquitectos à controvérsia gerada veio com o Prémio Valmor de 1938.

Nove anos após a conclusão da igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, é sagrada no Porto, a 8 de Dezembro de 1947, a igreja da Sr.<sup>ª</sup> da Conceição (1938-1947)<sup>7</sup>.



Sr.<sup>ª</sup> da Conceição - Alçado principal



Sr.<sup>ª</sup> da Conceição - Nave principal



Sr.<sup>ª</sup> da Conceição - Presbitério

Edificada com o propósito de ser uma igreja de referência, ela surge na sequência da passagem por Portugal do arquitecto beneditino Paul Louis Denis Bellot (1876-1944), de nacionalidade francesa em direcção ao Canadá. Fora, no entanto, concluída pelo arquitecto portuense Rogério de Azevedo (1898-1983) que lhe introduziu algumas alterações.

Oriundo de uma família de arquitectos, Paul Bellot, iniciara a sua carreira profissional projectando igrejas, o que se revelara decisivo para o seu ingresso na vida monástica. Autor de um conjunto assinalável de edifícios religiosos construídos em diversos países<sup>8</sup>, era considerado uma referência

<sup>7</sup> - Praça do Marquês de Pombal, nº111 – Porto.

<sup>8</sup> - França, Bélgica, Grã-bretanha, Holanda, Portugal e Canadá.

para os defensores e apreciadores da arquitectura vernácula, com características historicistas. Pelo seu atelier passaram vários arquitectos que se especializaram em arquitectura religiosa, como Hendrik van de Leur (1898-1994), Eugène Stassin (1899-1967), Georges Curtelin (1899-1968), Louis Mortamet (1897-1956), Josèph Philippe (1902-), Adrien Dufresne (1904-1982), Léonce Desagné (1908-1979), Claude-Marie Côté, O.S.B. (1908-1986) e Edgar Courchesne (1903-1979).

Durante a sua estadia em Portugal, também leccionou um curso sobre a modernidade na arquitectura religiosa e, com a construção da igreja da Sr.<sup>a</sup> da Conceição em curso, desloca-se em 1939 ao Canadá, onde havia já estado em 1934, a convite do arquitecto canadiano Dufresne, para realizar um ciclo de conferências sobre o mesmo tema<sup>9</sup> ficando, no entanto, impossibilitado de regressar ao continente europeu com o deflagrar da II Guerra Mundial. Faleceu, em 1944. A guerra não o impediu, no entanto, de continuar a trabalhar, projectando ainda a igreja de St. Josèphe du Oratoire (1937-1941), em Montreal; a abadia de St. Benoît-du-Lac (1939-1941), em Lac Memphrémagog, no Canadá, onde se encontra sepultado e a igreja St. Josèphe (1939-1947), em Annemasse, França.

No Canadá o seu estilo ficou designado por *Belotism*.

Na impossibilidade de regressar a Portugal, é o arquitecto Rogério de Azevedo quem assume a responsabilidade da obra. Formado pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP), em 1922, onde veio a exercer posteriormente funções de docência, coordenou a equipa por si constituída e pelos engenheiros civis Joaquim Ferreira da Silva, Joaquim Ribeiro Sarmiento e Reis Gonçalves e, ainda, contou com a colaboração de um conjunto diversificado de artistas plásticos que contribuíram, deste modo, para a valorização do edifício e da arte sacra no Porto.

Rogério de Azevedo, que no início de carreira fora um dos principais percussores da arquitectura moderna no norte do país, projectando edifícios como a Garagem do Comércio do Porto (1930-1932), alterara, entretanto, o seu modos operandi, tornando-o mais próximo da linha conservadora, à semelhança do que concebera para o edifício O Comércio do

<sup>9</sup> - Estas conferências foram editadas postumamente, em 1949, com a designação de *Propos d'un bâtisseur du Bon Dieu*.

<sup>10</sup> - Inserem-se neste âmbito a adaptação das ruínas do mosteiro do Paço de Sousa; a reconstituição da casa de Camilo Castelo Branco em S. Miguel de Seide; a envolvente do Castelo de Guimarães e o projecto do restauro do Paço Ducal.

Porto (1933) na Avenida dos Aliados, ou as pousadas realizadas no Marão, em Serém do Vouga e na Serra da Estrela, entre 1942 e 1948. Trabalhando na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, de 1936 a 1940, desenvolveu estudos e aprofundou conhecimentos na área da recuperação de edifícios históricos e da arqueologia<sup>10</sup>.

Explica-se, deste modo, os fundamentos da linguagem neo-vernácula da igreja da Sr.<sup>a</sup> da Conceição. A profusão de estilos e de linguagens que ostenta é disso revelador. As igrejas do arquitecto Paul Bellot apresentam maior simplicidade quer ao nível da composição, quer do ornamento.

Em relação à igreja da Sr.<sup>a</sup> da Conceição, ela apresenta uma planta estruturada em três partes (nartex, nave e cabeceira) em formato longitudinal, composta por uma nave central, iluminada por seis candelabros suspensos, e por duas naves laterais, separadas por colunas de base octogonal e de rendilhado superior em estilo moçárabe, rematados por arcos de ogiva (alusivos ao gótico) e por arcos de volta inteira (alusivos ao românico) que sustentam a cobertura. As naves laterais são compostas por dez capelas laterais, em estilos variados, onde as imagens de Cristo no crucifixo são de João da Silva, a Via-Sacra, de Guilherme Camarinha, algumas imagens do escultor França e alguns painéis de azulejo e vitrais de autores desconhecidos e executados em Espanha<sup>11</sup>.

À ornamentação do interior, Rogério de Azevedo pretendia acrescentar a arte bizantina e a árabe, mas por motivos de parecer negativo emitidos pela Comissão de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal do Porto, associados a razões de ordem económica não foram concretizadas.

Esta abundância de estilos originara críticas ao projecto e em particular, ao autor pelo seu desenquadramento histórico e arquitectónico. Pois, não contemplava o *zeitgeist* designado pelos alemães, como o *espírito da época*.

Com um corpo de cinquenta metros de comprimento, por vinte de largura e dezassete de pé-direito (na parte mais alta), a sua estrutura foi construída em betão armado e as paredes exteriores forradas a alvenaria e a granito. O alçado principal orientado a nascente e composto por duas torres assimétricas, tendo a maior cinquenta metros de altura, possui como adorno os quatro santos portugueses esculpidos<sup>12</sup> e uma imagem da Virgem acompanhada por dois anjos da autoria de Henrique Moreira.

<sup>11</sup> - Iniciando o percurso pelo lado esquerdo encontramos: N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Lurdes, Menino Jesus de Praga, St.<sup>a</sup> Teresinha, Imaculada Conceição, St.<sup>o</sup> António, Sr.<sup>a</sup> da Natividade, Coração de Jesus, S. José, Sr.<sup>a</sup> do Pilar e N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima.

<sup>12</sup> - St.<sup>o</sup> António, S. João de Deus, Beato Nuno Álvares Pereira e S. João de Brito.

O espaço interior inicia-se com o nartex, que dá acesso ao Baptistério, junto à entrada do lado esquerdo e encontra-se ornado com frescos de Dórdio Gomes, e também ao espaço de celebração. Por sua vez, o Presbitério, delimitado por um arco de cruzeiro e ornamentado com um fresco de Augusto Gomes, é composto por um Trono em mármore rosa com adornos em bronze, onde se situa o Sacrário em mármore amarelo; o Altar em mármore negro está assente sobre oito colunas e é rematado por dois lampadários da autoria do beneditino Mauro Santos; a Cátedra e dois Púlpitos em pedra ançã, esculpidos por Henrique Moreira. Sobre a cabeceira existem uns vitrais de geometrização gótica que apresentam o monograma de Jesus juntamente com símbolos marianos e eucarísticos. A separar a assembleia do Presbitério existe uma teia. Sobre a entrada situa-se o coro com o órgão de tubos de grandes dimensões, construído em 1998, pela firma Orgelbau Georges Heintz-Schiltach, sob orientação do arquitecto Burkhardt Goethe.

Rogério de Azevedo, ao desviar-se progressivamente dos conceitos da arquitectura moderna, contraria os princípios preconizados pelo movimento moderno e torna-se, deste modo, alvo de contestação. Eram, pois, do conhecimento público as obras de Le Corbusier (1887-1965) e de outros mentores da arquitectura moderna. Independentemente deste facto, ele ignora as experiências efectuadas pelos MRAR internacionais que haviam iniciado o processo de renovação litúrgica e arquitectónica, a partir da década de 1920, na Alemanha, estendendo-se a França e à Suíça. Estes movimentos serviram de percursos a outros países, nomeadamente a Portugal, com a criação do seu MRAR em 1952.

Em 1930 eram inauguradas, na Alemanha, a igreja de S. Nicolau, em Dortmund, da autoria dos arquitectos Pinnow e Grund, e a igreja do Corpo de Cristo, em Aachen, de Rudolf Schwartz, formando uma nova corrente arquitectónica que preconiza, entre outros aspectos, a renúncia da ostentação formal, plástica e espacial. Ainda nesta linha estilística encontra-se a igreja de S. Gall, em Oberuzwill, na Suíça, da autoria de Fritz Metzger, inaugurada em 1935, entre outros edifícios construídos nesta época. Com a igreja da Sr.<sup>a</sup> da Conceição, Rogério de Azevedo é duplamente criticado, pelo desconhecimento que revelara sobre o trabalho desenvolvido pelos MRAR internacionais e por ignorar o trabalho de Pardal Monteiro.



Por este motivo, José-Augusto França considera-a uma obra «*sem verdadeiro espírito moderno*»<sup>13</sup>.

Feita a análise destas duas igrejas, constata-se que apesar de ambas terem suscitado polémica, ainda que apresentem características distintas, ambas possuem algumas analogias, como as dimensões e a estrutura do espaço (as três naves, as capelas laterais, o Presbitério e os arcos). Revelam ainda preocupação com as artes complementares da arquitectura, uma característica herdada das Belas-Artes, entretanto, caída em desuso.

Apesar da igreja do Porto ter sido construída posteriormente, possui características mais conservadoras e extemporâneas. Rejeita os princípios da arquitectura moderna, defendidos pelo Cardeal Cerejeira e à posteriori pelo Papa Pio XII. A profusão de estilos e de linguagens que emprega tornam-na incoerente e passível de outras observações críticas, cujo desenvolvimento é incompatível com este artigo.

Em relação à igreja de Lisboa constata-se que a sua modernidade é parcial e não corresponde ao anseio do Cardeal Cerejeira, quando a compara às melhores da sua época, visto que o interior revela algumas condicionantes que Pardal Monteiro receara alterar.

A divergência de estilos destas duas igrejas, quase que antagónicas, revela que em Portugal não havia uma política definida para a arquitectura religiosa, indo ao encontro do que o Papa Pio XII havia proferido sobre a não existência de uma política de arte na Igreja.

<sup>13</sup> - FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XX*. 3ª Ed. Venda Nova: Bertrand Editora, 1991, p.254.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Monografias:

PORTELA, Artur – *Salazarismo e artes plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

PEDREIRINHO, José Manuel - *História do Prémio Valmor*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XX*. 3ª Ed., Venda Nova: Bertrand Editora, 1991.

TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno - *Escritos (1947-1996)*. Porto: FAUP Publicações, 1996.

CULOT, Maurice e MEADE, Martin – *Dom Paul Bellot, Moine-Architecte (1876-1944)*. Paris: Editions Norma, 1996.

Publicações periódicas da especialidade:

*Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*. Lisboa. (n.º 7, Nov.-Dez. 1938).

*A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*. Lisboa. (n.º 43, Outubro de 1938).

*Novidades*. Lisboa. 12 de Outubro de 1938.

*Brotéria*. Lisboa. Julho, Agosto-Setembro de 1939.